



Sofrimento, Resistência e Banalização da Injustiça Social, velhos conceitos novas possibilidades em Estudos Organizacionais

Eduardo dos Santos Barcellos (UFBA) - educellos@hotmail.com

Resumo:

A obra de Cristophe Dejours, psiquiatra e psicanalista, confunde-se com a própria disciplina denominada de Psicodinâmica do Trabalho, bem como com a criação de uma área de estudos acerca do tema de Saúde do Trabalhador em nosso país. A ideia de resistência, na obra de Dejours, adquiriu importância e evoluiu concomitantemente com a própria disciplina da Psicodinâmica do Trabalho. Na obra "A Banalização da Injustiça Social" Dejours relata que não existe atualmente nenhuma possibilidade, ainda que transitória, de se livrar individual ou coletivamente das pressões da organização. No entanto, ao mesmo tempo em que reconhece a importância do corpo e das afecções, Dejours despreza a dinâmica da subjetividade ao enunciar a subjetividade como dada, negando a própria essência da subjetividade que é seu caráter infinito e dinâmico, o seu caráter de processualização.

Palavras-chave: *Sofrimento; Resistência; Subjetividade*

Área temática: *GT-12 Trabalho, Subjetividade e Poder*

Sofrimento, Resistência e Banalização da Injustiça Social - velhos conceitos novas possibilidades em Estudos Organizacionais

INTRODUÇÃO

A obra de Cristophe Dejours, psiquiatra e psicanalista, confunde-se com a própria disciplina denominada de Psicodinâmica do Trabalho, bem como com a criação de uma área de estudos acerca do tema de Saúde do Trabalhador em nosso país. O início da sua obra no campo da saúde mental e do trabalho deu-se com a publicação, na França, em 1980, de “*Travail: usure mentale*“, obra publicada no Brasil em 1987 sob o título “A Loucura do Trabalho”, considerada um marco do início das discussões no Brasil acerca do tema. Segundo LIMA (LIMA, 2003) esta obra exerceu grande influência sobre os pesquisadores brasileiros e marcou profundamente os estudos na área da saúde no trabalho em nosso país. Os estudos de Dejours desenvolveram-se ao longo dos últimos 40 anos, resultando na publicação de inúmeras obras, sendo que suas pesquisas e trabalhos continuam a ser desenvolvidos, inclusive com a participação de pesquisadores brasileiros, no *Laboratoire de Psychologie du Travail et de l’Action*, no *Conservatoire National de Arts et Métiers*, em Paris.

1. Dejours, da Psicopatologia à Psicodinâmica

Dejours e Abdouchelli (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994) destacam, no início de seus trabalhos, vários estudos efetuados por autores como Le Guillant e Bégoïn, e que descreviam síndromes associadas à situação do trabalho, tais como, por exemplo, a neurose das telefonistas e a neurose dos mecanógrafos. Estes estudos e observações foram realizados a partir da década de 50 do século passado e permitiram as primeiras associações entre o trabalho e as psicopatologias.

Na esteira destes e outros trabalhos, as pesquisas iniciais realizadas por Dejours e pelos pesquisadores do Laboratório de Psicopatologia do Trabalho e da

Ação tinham como objeto a clínica das afecções mentais que poderiam ser originadas pelo trabalho, ou seja, estavam vinculadas a um modelo causal que buscava o que no trabalho poderia provocar distúrbios psicopatológicos.

A Psicopatologia do Trabalho partia da hipótese de que a análise das patologias e dos danos psíquicos estaria vinculada aos danos físico-químico-biológicos do posto de trabalho (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994) e suas pesquisas clínicas efetuadas buscavam identificar síndromes e/ou doenças mentais características a determinadas categorias profissionais.

Na França, após as duas guerras mundiais, foi emergindo demanda dos trabalhadores que chegou à maturidade em 1968, que tinha a “melhoria das condições de trabalho”, como uma de suas palavras de ordem. A luta pela sobrevivência (1914 até 1968) passa dar lugar à luta pela saúde.

Os autores (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994) reconhecem que as pesquisas clínicas realizadas não obtiveram os resultados pretendidos, ou seja, o de caracterizar as doenças mentais relacionadas às categorias de trabalhadores pesquisados. Ressaltam que foram identificados comportamentos insólitos, estranhos ou paradoxais, mas que, de modo algum podiam ser considerados como patológicos (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994). Deste modo, Dejourns renuncia ao esquema causalista (que tinha a organização do trabalho, como causa e a doença mental como efeito) e realiza uma migração, uma reviravolta teórica, que foi o fundamento da disciplina da psicodinâmica do trabalho. Esta mudança de foco, de problema para os pesquisadores faz com que o “*enigma a ser desvendado*” (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994) passe a ser a forma pela qual os trabalhadores, apesar das pressões, das coações, dos prazos e das repetições, mantêm-se em equilíbrio psíquico, afastando as patologias. Ou seja, desviando seu foco da doença para a normalidade, propondo-se a investigar as estratégias defensivas coletivas construídas pelos trabalhadores, sendo considerada como a descoberta empírica mais surpreendente de suas pesquisas (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994).

O reconhecimento de que a realidade da relação entre o homem e a organização do trabalho se dá em um contínuo movimento, vindo deste reconhecimento, ou seja, da introdução da idéia de uma análise das psicodinâmicas

da situação do trabalho, a substituição da nomenclatura proposta pelo autor, para Psicodinâmica do Trabalho em lugar da outrora Psicopatologia do Trabalho.

1.1 Prazer e Sofrimento na Psicodinâmica do Trabalho

Segundo Dejours, (DEJOURS, 1992), o sofrimento começa quando a relação homem-organização do trabalho está bloqueada, ou seja, quando o trabalhador esgotou as possibilidades de saber e de poder na organização do trabalho e não pode mais mudar o conteúdo de sua tarefa. Ao contrário, quando o trabalho é favorável ao equilíbrio mental e à saúde do corpo, ou seja, quando as exigências intelectuais, motoras e psico-sensoriais da tarefa estiverem de acordo com as necessidades do trabalhador, emerge o prazer. Dejours (1992) considera que na relação saúde-trabalho, o aparelho psíquico seria encarregado de representar e de fazer triunfar as aspirações do sujeito, num arranjo de realidade capaz de produzir as satisfações concretas (ligadas à saúde do corpo) e simbólicas (ligadas a vivência qualitativa da tarefa, ao conteúdo da tarefa).

O autor divide o sofrimento no trabalho a partir da insatisfação e da ansiedade. A insatisfação dá-se em relação ao aspecto ergonômico do trabalho, ou seja, insatisfação em relação à forma como o corpo exerce o trabalho. A ansiedade ocorre com relação à ausência de conteúdo significativo da tarefa, gerando nos trabalhadores sentimentos de indignidade, de inutilidade que podem evoluir para uma vivência depressiva do trabalhador (DEJOURS, 1992).

Dejours e Abdoucheli distinguem ainda “ *dois tipos de sofrimento: o sofrimento criador e o sofrimento patogênico. O último aparece quando todas as margens de liberdade na transformação, gestão e aperfeiçoamento da organização do trabalho já foram utilizadas. Isto é quando não há nada além de pressões fixas, rígidas, incontornáveis, inaugurando a repetição e a frustração, o aborrecimento e o medo, ou o sentimento de impotência.*” (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994). Esgotados os recursos defensivos o sofrimento residual destrói o mental e o psíquico levando o sujeito à doença.

Ainda segundo os autores, o sofrimento é inevitável e ubíquo possuindo raízes na história singular de todo o sujeito. O sofrimento, portanto, faz parte do processo de trabalho e a Psicodinâmica visa a “ *modificar o seu destino e favorecer sua transformação, (e não sua eliminação)* ” (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994).

1.2 O sofrimento e a banalização da injustiça social

Dando seqüência ao seu trabalho, Dejours publicou, em 1998 na França, a obra “ *Sourffrance en France, la banalisation de l’injustice social* ”, obra esta que teve sua 1ª edição traduzida e publicada no Brasil, em 1999, sob o título “ *A banalização da injustiça social* ”. A questão central do livro, segundo o próprio Dejours, consiste em responder à difícil e crucial questão política: “ *por que uns consentem em padecer sofrimento, enquanto outros consentem em infligir tais sofrimentos ao primeiros ?* ” (DEJOURS 2003, p. 17). Dejours, nesta obra, amplia seu campo de análise deslocando sua reflexão de uma teoria essencialmente psicopatológica para um campo ampliado perpassado por aspectos econômicos, políticos, sociológicos e filosóficos.

Segundo as pesquisas de Cristophe Dejours, é por meio do sofrimento no trabalho que se dá o consentimento para participar do sistema. Simultaneamente, aqueles que trabalham perdem, pouco a pouco, a esperança, a ilusão de que a condição de hoje possa melhorar futuramente.

Dejours reconhece nesta obra, alguns elementos que passaram ao largo na conceituação da Psicodinâmica, como o fato de as “ *estratégias de defesa*”, apesar de engenhosas e inventivas, encerrarem uma armadilha que pode se fechar sobre os próprios beneficiários que as utilizam para suportar o sofrimento sem se abater. Reconhece também que não existe mecanismo incoercível nem inexorável, mas sim regras de conduta construídas por homens e mulheres e que na verdade, estas regras, alimentam a injustiça e a fazem perdurar. Reconhece por fim, uma impossibilidade conceitual para analisar o sofrimento e seus efeitos perversos como outrora havia

idealizado, reconhecendo ainda que, não podendo aprendê-los, nem dominá-los, voltou-se para as condutas que alimentam a injustiça e a fazem perdurar.

Dejours entende que a mobilização coletiva tem sua principal fonte de energia na cólera contra o sofrimento e a injustiça e que esta seria muito mais uma reação contra o sofrimento e injustiça considerados intoleráveis do que propriamente uma ação em busca da felicidade. Seus estudos sugerem uma diferença radical entre o processo de mobilização subjetiva individual e o de mobilização coletiva na ação (DEJOURS 2003, p. 24).

Dejours (DEJOURS 2003, p. 32) ressalta ainda que ser constrangido a executar mal o seu trabalho é uma fonte importante e extremamente freqüente de sofrimento no trabalho, seja na indústria, nos serviços ou na administração. Este tipo de constrangimento pode levar os trabalhadores à situações psicológicas extremamente penosas e conflitantes com os valores do trabalho bem feito, com o senso de responsabilidade e a ética profissional.

1.3 A resistência e a banalização da injustiça social

A idéia de resistência, na obra de Dejours, adquiriu importância e evoluiu concomitantemente com a própria disciplina da Psicodinâmica do Trabalho. Com efeito, no início dos seus estudos, ou seja, com a concepção da Psicopatologia do Trabalho, Dejours não estava preocupado em identificar ou analisar aspectos ligados à resistência dos trabalhadores. Pelo contrário, conforme já mencionado, sua preocupação era justamente a capitulação, era identificar as patologias associadas às diferentes categorias. No entanto, com a identificação das estratégias coletivas de defesa e a conseqüente mudança de foco para a normalidade, a idéia de resistência ganha importância pois a questão passa a ser a de identificar como se constroem estas estratégias coletivas de defesa, ou seja, identificar como os trabalhadores resistem aos sofrimentos inerentes ao trabalho, como os trabalhadores resistem psiquicamente às agressões da organização do trabalho. Esta ação coletiva em relação ao trabalho é uma luta (de resistência) dos trabalhadores contra o sofrimento

engendrado pelos constrangimentos do trabalho e os efeitos patogênicos da desestabilização psíquica.

Dejours demonstra na obra “A Banalização da Injustiça Social” que os tempos ociosos desapareceram do trabalho na era atual. Relata que não existe atualmente nenhuma possibilidade, ainda que transitória, de se livrar individual ou coletivamente das pressões da organização. Dejours relata ainda que a principal preocupação, do ponto de vista subjetivo, é a “resistência”, ou seja, a capacidade de agüentar firme o tempo todo, sem relaxar, sem se ferir e sem adoecer. (DEJOURS 2003).

Dejours conclui que o sofrimento físico e moral é intenso, sobretudo em relação aos jovens, contratados para a substituição dos veteranos da linha de montagem. Com relação aos jovens constata, ainda que o trabalho torna-se pouco a pouco um infortúnio, uma decepção, tendo em vista a impressão que estes têm de que a organização lhes tira sua substância vital, de que estão sendo “consumidos”, “espoliados”, “sugados”. Resistem, sem acreditar verdadeiramente, na esperança de um dia serem promovidos, “condição *“sine qua non” para suportar tarefas estafantes executadas com vertiginosa rapidez*” (DEJOURS 2003).

Esta necessidade de “resistir”, de lutar pela manutenção do emprego, leva à precarização. Esta precarização é fundamental para o entendimento da noção de resistência, uma vez que os empregados continuam a trabalhar, enquanto tenham condições para tanto, em empregos que se precarizam pela pressão do recurso possível e utilizável dos empregados precários disponíveis a substituí-los. Dejours (DEJOURS 2003) relata 4 efeitos da precarização do trabalho: a) a intensificação do trabalho e o aumento do sofrimento subjetivo; b) a neutralização da mobilização coletiva contra o sofrimento, contra a dominação e contra a alienação; c) a estratégia defensiva do silêncio, da cegueira e da surdez d) o individualismo, o cada um por si.

1.4 O indivíduo na obra de Dejours

Dejours não utiliza, no início de seus estudos e pesquisas, o termo

psicopatologia de forma fortuita uma vez que em toda sua obra existe uma referência explícita à teoria psicanalítica do funcionamento psíquico. O termo psicopatologia segundo Dejours (LANCMAN e SZNELWAR 2004) deve ser entendido como conhecimento adquirido acerca do sofrimento, *pathos* de sofrimento e prazer, ou seja, no sentido dado por Sigmund Freud em sua obra “*Psicopatologia da Vida Cotidiana*“. Em uma destas passagens, Dejours comenta ainda que o termo é utilizado “*em sua acepção ordinária, em suas cartas de nobreza na obra de Freud*“ (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994). Segundo ele, o termo contém a raiz *pathos* que remete ao sofrimento e não só a doença e à loucura. Dejours conduziu essa clínica das estratégias defensivas pela referência ao modelo psicanalítico inserindo-o, economicamente, entre a organização do trabalho (como causa) e a doença mental (como efeito). Dejours, no entanto, reconhece que a problematização teórico-clínica da psicodinâmica do trabalho nunca ofereceu resposta às inúmeras questões surgidas nas relações subjetivas dos homens e das mulheres em suas situações de trabalho.

Apesar de alguns grandes deslocamentos que produziu em sua obra tais como, por exemplo, a mudança de foco da doença para a normalidade, a mudança de uma forma rígida de organização para outra dinâmica, e das diversas variações em relação ao significado do termo trabalho nesta relação (como o reconhecimento do intervalo do trabalho prescrito e real, por exemplo), Dejours admite que “*no curso da evolução teórica em psicopatologia do trabalho, a referência à teoria psicanalítica pouco variou*“ (DEJOURS & ABDOUCHELLI, 1994).

Esta abordagem psicanalítica utilizada por Dejours contribuiu, decisivamente, para a formulação de alguns dos seus conceitos-chave, tais como: as estratégias de defesa (com base em reações às situações de agressão ao ego) ou suas elaborações acerca da dicotomia sofrimento/prazer pela via mental, com a descarga da tensão interior a partir da atividade fantasmática, consumidora da energia pulsional.

Além da mudança de foco da doença para a normalidade, verifica-se que existe outra mudança conceitual importante no trabalho de Dejours, efetuada, também, por ocasião da passagem da Psicopatologia para a Psicodinâmica. Trata-se do abandono à referência de “personalidade” que dominava a psicopatologia do trabalho, e bastante evidente por ocasião da obra “*A Loucura do Trabalho*“, para a adoção, com o advento da Psicodinâmica, de um referencial de “identidade”.

Dejours declara este “*abandono*” por ocasião das suas formulações acerca da importância do reconhecimento. Reconhecimento é a retribuição esperada pelo indivíduo em relação ao seu trabalho, é de natureza simbólica e provém da produção do sentido conferida pela retribuição à vivência no trabalho. Esta retribuição simbólica pode dar-se de duas maneiras: um reconhecimento no sentido de constatação da realidade que representa a contribuição individual do trabalhador e em um sentido de gratidão pela contribuição do trabalhador à organização (sendo a segunda bem menos freqüente consoante as pesquisas efetuadas pelo autor).

Segundo Dejours, a construção do sentido do trabalho pelo reconhecimento pode transformar o sofrimento em prazer. O sentido que dá acesso a este reconhecimento é o do sofrimento no trabalho uma vez que este é ubíquo à situação laboral. Esta construção do sentido do trabalho pelo reconhecimento dá-se com a premiação do indivíduo com respeito à sua realização pessoal o que resulta em uma edificação da identidade no campo social. O reconhecimento passa, portanto, pelo julgamento dos atores específicos e diz respeito ao trabalho realizado. Dejours distingue dois tipos de julgamento a saber: o julgamento de utilidade proferido pelo outro na linha vertical, ou seja, pelos superiores e inferiores hierárquicos e o julgamento de estética proferido na linha horizontal pelos pares, colegas e a comunidade.

Com a introdução da problemática da identidade tomando o lugar da referência da personalidade que dominava a psicopatologia, Dejours efetuou alguns avanços com relação à importância do aspecto social na saúde mental dos trabalhadores. No entanto, apesar destes avanços, Dejours (LANCMAN E SZNELWAR, 2004) entende, ainda, que a psicodinâmica do trabalho leva à conclusão de que não há uma articulação direta entre o sujeito do inconsciente e campo social.

Na obra “A Banalização da Injustiça Social“, Dejours, tendo em vista as impossibilidades conceituais para analisar o sofrimento e seus efeitos perversos como outrora havia idealizado e com as quais vinha deparando-se em seu trabalho, reformula e avança em seu conceito de sujeito, diminuindo a distância mente-corpo, passando a considerar e a dar uma maior importância ao corpo e às afecções, consoante demonstrado no trecho a seguir:

“O termo “sujeito” tornará a aparecer com freqüência neste livro. (...) Toda vez que esse termo aparecer, será para falar de quem vivencia afetivamente a situação em questão. Afetivamente, isto é, sob a forma de uma emoção ou de um sentimento que não é apenas um conteúdo de pensamento, mas sobretudo um estado do corpo. A afetividade é o modo pelo qual o próprio corpo vivencia o seu contato com o mundo. A afetividade está na base da subjetividade. A subjetividade é dada, acontece, não é uma criação. O essencial da subjetividade é da categoria do invisível. (...) Ninguém ignora o que sejam sofrimento e o prazer, e todos sabem que isso se vivencia integralmente na intimidade da experiência interior. Tudo quanto se possa mostrar do sofrimento e do prazer não é senão sugerido. Negar ou desprezar a subjetividade e a afetividade é nada menos que negar ou desprezar no homem o que é sua humanidade, é negar a própria vida (...)” (DEJOURS, 2003, p.29).

2. Considerações finais

Da leitura da obra de Cristophe Dejours pode-se inferir que a sua definição acerca do indivíduo é efetuada a partir de um sujeito psicanalítico, bem como sua adesão a questão social dá-se por uma via marxista-arendtiana. Ao analisarmos sua obra percebemos que, não obstante suas propaladas renúncias à psicanálise, este nunca abandonou o método psicanalítico. Depreende-se, também que, apesar de suas pequenas renúncias e de seus comedidos avanços, sua obra, na essência, sempre foi psicanalítica (CODD, 2000; LIMA, 2002 apud JACQUES, 2003). Ao mesmo tempo em que reconhece a importância do corpo e das afecções, Dejours despreza a dinâmica da subjetividade, portanto, também a dinâmica da própria individuação. Ao proferir, como no trecho supracitado que *“A subjetividade é dada”*, Dejours nega a própria essência da subjetividade que é seu caráter infinito e dinâmico, o seu caráter de processualização. A subjetividade advém de processos de subjetivação, não está ligada a um sujeito naturalizado com uma relação direta com objetos ou ações, mas sim relacionada com o processo dinâmico da produção e da multiplicidade.

Dejours, ao optar pelo sujeito e o método psicanalítico, buscou avançar sobre o indivíduo no campo da Saúde Mental e do Trabalho. No entanto, relegou um papel

secundário ao segundo, tendo partido do individual para o social, em lugar de considerar o indivíduo como simbiótico àquele. O campo da saúde do trabalhador, hoje, no Brasil e no mundo, é um campo interdisciplinar com produções teóricas, com inúmeros atravessamentos disciplinares, tais como, com a Psicologia Social, a Psicologia Organizacional, a Ergonomia, a Engenharia de Produção, a Sociologia do Trabalho, a Medicina do Trabalho e a Psiquiatria.

Na análise da obra de Cristophe Dejours, verifica-se que, não obstante suas propaladas renúncias à psicanálise, este nunca abandonou o método psicanalítico e manteve suas análises com um olhar impregnado pela psicanálise e a sua concepção de sujeito, na essência, sempre foi psicanalítica (CODO, 2000; LIMA, 2002 apud JACQUES, 2003). Com efeito, da análise realizada, evidencia-se a conclusão de que Dejours equivocou-se ao querer melhorar a condição dos trabalhadores a partir da identificação dos sintomas e não da valorização dos aspectos causais sociais e relacionais referentes ao sofrimento dos trabalhadores. Este equívoco, ao que tudo indica, parece residir no ponto de partida da escolha do sujeito, ou seja, na conceituação do próprio indivíduo a ser analisado.

A descoberta do inconsciente, por Freud e a concepção e valorização do sujeito-desejo complementar ao sujeito-razão do cogito cartesiano, não eliminaram os “acontecimentos” ou os “fenômenos sociais. Dejours ao optar pelo sujeito e o método psicanalítico, buscou avançar sobre o indivíduo no campo da Saúde Mental e do Trabalho, relegando um papel secundário ao trabalho e aos fatos sociais, sendo que este parece ter sido seu maior equívoco. Com efeito, esta unidisciplinaridade dos trabalhos desenvolvidos por Dejours, vinculado essencial e unicamente a uma psicanálise ortodoxa (freudiana, justaposta e engessada), talvez seja o problema essencial que deu causa a seus avanços e retrocessos. Em 1998, com a publicação da “Banalização da Injustiça Social”, Dejours amplia seu campo de análise deslocando sua reflexão de uma teoria essencialmente psicopatológica para um campo ampliado perpassando por aspectos econômicos, políticos, sociológicos e filosóficos. No entanto, Dejours prossegue reservando um lugar central ao sofrimento em sua problematização, reconhecendo, na própria obra, que por uma impossibilidade conceitual para analisar o sofrimento e seus efeitos perversos, como outrora havia idealizado, voltou-se para as condutas que alimentam a injustiça e a fazem perdurar.

Estudando-se as questões referentes à saúde mental do trabalhador e a obra de Dejours, parece-nos, existir nela uma lacuna aberta a uma aproximação com outras ciências como a antropologia e a filosofia. Entende-se que esta aproximação pode representar avanços no estudo dos fatores sociais e culturais na área de saúde do trabalhador, a partir de uma perspectiva de ampliação das possibilidades do estudo sistemático das representações e dos comportamentos associados a este processo. Para Dejours o problema, em face do seu referencial de sujeito e do seu método, encontra-se nas representações psicanalíticas, mas estas são, conforme a própria etimologia da palavra, apenas uma das representações possíveis.

Uchoa (UCHÔA & VIDAL, 1994) em seu clássico artigo, enuncia diversos estudos que ressaltam a importância das diferentes formas de representações sociais e culturais, como por exemplo, das concepções etiológicas populares e a influência de outros fatores (além da sintomatologia) no processo decisório acerca da saúde-doença. Estes estudos demonstram a importância do comportamento humano frente aos problemas de saúde, comportamentos estes que são delineados e construídos a partir de universos sócio-culturais específicos. O conhecimento científico atual não permite que a doença seja vista, unidimensionalmente, tampouco de modo maniqueísta, como sendo uma questão meramente biológica ou meramente ligada aos fatores sociais. Ela deve ser vista como um fenômeno histórico, biológico, psicológico, social e cultural, restando claro, portanto, que ciências como a antropologia, por exemplo, podem contribuir para construir novos paradigmas que dêem conta desta complexidade e multidimensionalidade do fenômeno da saúde-doença.

3. Referências Bibliográficas:

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho. Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo, Cortez, 1992.

DEJOURS, C. ABDOUCHELI, E. *Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho*. In: DEJOURS, C. ABDOUCHELI, E. e JAYET, C. *Psicodinâmica do Trabalho*:

Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. São Paulo: Atlas, 1994, p. 120-145.

DEJOURS, Cristophe. *A Banalização da Injustiça Social*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicol. Soc.*, jan./jun. 2003, vol.15, no.1, p.97-116.

LANCMAN, S. e SZNELWAR, L.I. Christophe Dejours - Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, Brasília: Paralelo, 2004.

LIMA, M.E.A.; Esboço de uma crítica à especulação no campo da saúde mental e trabalho. In: JACQUES, M.G.; CODO, W (Orgs.) *Saúde Mental e trabalho: leituras*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

UCHÔA, E. & VIDAL J. M. Antropologia Médica: Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 10 (4): 497-504, out/dez, 1994.